

RESENHA

ADEUS A “CRISE DO TRABALHO”.

ANTUNES, R.

O Caracol e Sua Concha: Ensaios sobre a nova morfologia do trabalho.
São Paulo: Boitempo Editorial, 2005. 135 páginas.

POR

*Julio César Campano Floriano*¹

A partir da década de 70 ganhou espaço a expressão *crise do trabalho* ou *crise da sociedade do trabalho* como novo paradigma de compreensão da vida social. Isto se expressava através da mundialização do capital e seus desdobramentos: Aumento do desemprego e do sub-emprego, flexibilização do trabalho, perda de direitos trabalhistas, aumento da exploração do trabalho e um aprofundamento da crise organizacional dos sindicatos e partidos de esquerda.

Apressadamente uma gama de autores² buscaram compreender essas transformações, não como decorrente de uma crise cíclica e estrutural do capitalismo, mas sim como uma crise do trabalho em si. Para estes autores, o elemento central dessa crise refere-se a **não centralidade da categoria trabalho na sociedade contemporânea**, impulsionada por transformações culturais e subjetivas no ser social (uma negação do trabalho como único valor social ou perda de ética positiva do trabalho) e pelas transformações empíricas do capital no mundo do trabalho (aumento do desemprego, flexibilização, aumento da precarização do trabalho, etc...) Essas transformações empíricas, políticas e culturais, levaram uma parte dos intelectuais a problematizarem e

1 Sociólogo, Mestrando em Sociologia pelo IFCH/UNICAMP, atua na Sec. de Educação e Formação Profissional de Santo André onde é Coordenador de Programas Educacionais no DET - Dep. de Educação do Trabalhador e Técnico-pesquisador no Observatório da Educação e do Trabalho., É também Pós-graduado em Economia do Trabalho/Desenvolvimento Econômico pelo IE/CESIT/UNICAMP

2 GORZ, A. Adeus ao Proletariado. Para além do socialismo. Forense Universitária: São Paulo, 1982; OFFE, C. Trabalho como categoria sociológica fundamental? Trabalho e Sociedade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, Vol.1; RIFKIN, J. O Fim dos empregos. São Paulo: Makron Books, 1995. TOURAINE, A. A Sociedade Pós Industrial. Lisboa: Moraes Editores, 1970. HABERMAS, J. The Theory of Communicative Action: The Critique of Functionalist Reason Londres: Polity Press, 1992. Vol 2; KURZ, R. O Colapso da Modernização. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

compreenderem a sua época como uma fase em que o capitalismo chegara ao limiar de liberar a força de trabalho, o trabalho vivo e conseqüentemente deslocar a centralidade do trabalho nas relações sociais existentes. Influenciados por um forte determinismo econômico e tecnológico, entenderam esses autores que a superação do modo de produção capitalista não se daria mais pelo movimento dialético das classes sociais postas em contradição pelo capital, mas sim pelo desenvolvimento da tecnologia que libertaria o homem do trabalho. A extinção do trabalho, provocada pelo desenvolvimento tecnológico do capital – extinção esta que seria desejável pelo homem, considerando as transformações subjetivas na sua concepção de trabalho – solaparia o conflito capital-trabalho e levaria objetivamente a uma sociedade do tempo liberado, onde o trabalho seria substituído pela atividade livre. Um dos autores mais significativos anunciava a emergência de uma não-classe dos não trabalhadores, cujo em uma inexorável realidade de desaparecimento do trabalho “ *a maneira de gerir a abolição e o controle social desse processo serão questões políticas fundamentais dos próximos decênios*” (GORZ, p.12, 1987)

Por um lado, as análises das transformações do mundo do trabalho – tomando essa perspectiva da crise do trabalho – no processo de superação do capitalismo têm sido distorcidas e utilizada como justificativa do reformismo e abandono da categoria trabalho nos partidos, sindicatos e intelectuais. Por outro, se entendermos que o trabalho é justamente o que confere unidade e movimento a classe trabalhadora e seguirmos a linha de raciocínio dos teóricos da crise do trabalho, o papel do proletariado estaria sendo relegado a um plano secundário na sociedade moderna.

O que está em questão, portanto, são três pilares importantes de análise na sociedade contemporânea: O significado e amplitude das transformações ocorridas no Mundo do Trabalho; a centralidade do trabalho hoje e o impacto que essas transformações e críticas aportaram na classe trabalhadora e também no pensamento sociológico.

Trabalho recente de Ricardo Antunes, mas reflexão e crítica construída ao longo dos últimos 10 anos, o fio condutor de *O Caracol e sua Concha: Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho* não apenas dá continuidade ao seu *Adeus ao Trabalho?* e *Os Sentidos do Trabalho*, como apreende em seu movimento o grave engano dos teóricos da crise da sociedade do trabalho onde estes não se atentaram que “*foi a própria forma assumida pela sociedade do trabalho abstrato que possibilitou, por meio da constituição de uma massa de trabalhadores expulsos do processo produtivo, a aparência da sociedade fundada no descentramento da categoria trabalho, na perda da centralidade do trabalho no mundo contemporâneo*” (ANTUNES, 2005, p.39) . Para além das aparências, o que verifica

Antunes, é que o trabalho não se tornou tão somente uma nova virtualidade, posto que tenha sofrido importantes mutações. O aspecto subjetivo do trabalho, o seu componente cognitivo, passa a ser explorado com mais intensidade. Vide a idéia de se ganhar *corações e mentes* dos trabalhadores, um dos chavões da moderna administração capitalista. O que não significa que este autor proceda na separação entre trabalho material e imaterial. A existência e avanço do capital financeiro na sociedade contemporânea, a transnacionalização do capital, demonstra e corrobora a vigência da Lei do Valor: “*A própria existência do capital financeiro supõe algum nível de lastro produtivo e com ele se imbrica*” (Idem). No sentido de ilustrar, não somente este avanço, como também as perversas formas de precarização do mundo do trabalho sob a batuta do capital financeiro, Antunes vai ao longo de seus artigos na obra acima citada aprofundando a crítica às teses que colocavam a inexorabilidade no fim do trabalho, trazendo de volta para o plano político o papel da classe trabalhadora. Polêmico, afirma que embora tenha se fragmentado, esta não perdeu sua centralidade e que uma “*noção ampliada de classe trabalhadora nos oferece hoje potencialidade analítica para captar os sentidos e forças propulsoras dessas ações e desses embates que emergem no mundo em escala global e, desse modo, conferir maior vitalidade teórica (e política) ao mundo do trabalho contra a desconstrução intentada nas últimas décadas.*” (Idem).

Do ponto de vista de leituras da realidade, *O Caracol e sua Concha*, aprofunda as teses apresentadas anteriormente ao apreender em processo a complexificação do capital, o seu metabolismo social: Como entender no emergir do século XXI – o vaticinado lugar do não-trabalho – uma transnacional de terceirização do trabalho (leia-se precarização em escala global) a Manpower, estar “*preparada para atender a seus clientes com serviços de alto valor agregado*”. (MANPOWER, apud ANTUNES, Ídem, p.19).

No plano político, o autor chama para o debate a necessidade de instigar ainda mais, as reflexões que dêem conta do movimento constante de transformações na classe trabalhadora. Aqui, perguntamos: porque não, a partir delas, avançar no entendimento da classe trabalhadora no Brasil no momento crucial em que nos encontramos? Para além do capital, se observarmos as recentes manifestações estudantis na França contra a legitimação estatal da precarização do jovem trabalhador, o seu trabalho vai no sentido de dar adeus a *Crise do Trabalho* enfrentando a “desoladora uniformidade” e “triste destino da humanidade” de que falava Goethe (Werther) cujo Antunes também o cita na apresentação de seu *Adeus ao Trabalho?*

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez/Editora UNICAMP, 1995.

_____ Os Sentidos do Trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.